

FAMÍLIA E ESCOLA: O RETRATO DE UMA RELAÇÃO POR MEIO DE UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Luana Sayuri Fogaça Tsuneta

RESUMO

A relação entre família e escola sempre foi uma temática importante a ser discutida no campo educacional, sendo assim, esse trabalho buscou compreender de que forma a escola tem agido em relação às famílias que fogem do padrão considerado tradicional pela sociedade em geral, trazendo como problema de pesquisa a seguinte questão: como as escolas representam as famílias em seus ritos escolares? A partir dessa indagação, foi realizada uma revisão integrativa na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBT, com objetivo de apresentar quais configurações familiares são representadas nas escolas, quais os possíveis arranjos familiares que poderiam ser incluídos no contexto escolar e quais as possíveis soluções para que todos os tipos de famílias sejam incluídos no contexto escolar. Utilizando o referencial teórico metodológico do materialismo histórico-dialético e a técnica de pesquisa de revisão integrativa, concluímos que apesar dos estudos científicos demonstrarem que existem diferentes arranjos familiares dentro do ambiente escolar, a escola insiste em priorizar a família considerada tradicional/patriarcal em seus ritos escolares, invisibilizando outras configurações familiares, sendo urgentemente necessário um diálogo e ações que incluam essas famílias na escola, a fim de que também participem do processo de desenvolvimento de ensino e aprendizagem de suas crianças e jovens.

Palavras-chave: Família; Escola; Ritos escolares.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, cenas de preconceito, seja de qual modo for, passaram a ficar cada vez mais presentes em nosso dia a dia, fato que exige que as pessoas reflitam sobre suas falas e ações. Pensando nisso, sabemos que crianças e jovens participam dessas situações, seja dentro de casa ou fora dela. A sociedade em si está imbuída de um pensamento tradicional, arcaico e patriarcal, o qual defende que o mundo deve ser como sempre foi, sem mudanças ou evoluções.

Sob essa perspectiva, pensa-se nas evoluções das famílias e suas diferentes configurações ocorridas desde o século XX, fato decorrido das mudanças históricas e sociais de nossa sociedade. Considerando a família uma instituição social, ela também sofre com as transformações sociais, econômicas e culturais, assim como a

escola, a igreja e demais instituições. Apesar da contemporaneidade mostrar as diferentes constituições de famílias que surgiram, a escola acaba trabalhando um único formato de família, desconsiderando as famílias organizadas em modelos não convencionais, nome dado por Oliveira Júnior (2019) e que faremos uso para referenciar as famílias que não se estruturam no modelo patriarcal.

De acordo com Szymanski (2000), a família possui caráter histórico, é uma rede de trocas intersubjetivas, na qual ocorre uma produção cultural. Além disso, a família está carregada de saberes, sentimentos, significados e emoções veiculadas, sendo assim, essa instituição social passa por uma transformação contínua que envolve sua estrutura, organização, crenças, valores e sentimentos.

Atualmente, é comum encontrarmos famílias não convencionais no dia a dia, visto que esse é um cenário que não é de hoje em nossa sociedade. Oliveira Júnior e Yaegashi (2019) vão dizer que as mudanças na configuração das famílias iniciaram a partir da década de 1960, após duas guerras mundiais, seguidas de uma revolução industrial, o cenário do mundo inteiro foi alterado, afetando as esferas sociais, econômicas e políticas. Dessa forma, a família também foi modificada, pois a partir do momento em que a mulher começa a adentrar no mercado de trabalho, outras configurações de famílias passam a constituir a sociedade, além das novas perspectivas sobre as questões de gênero que surgem na modernidade.

Szymanski (2000) vai dizer que desde o século XVII a família foi considerada em um modelo específico - família nuclear, burguesa - composta por pai e mãe com deveres e responsabilidades específicas.

A interpretação das funções paterna e materna e a divisão de trabalho por gênero permanecem muito fortes até nossos dias, denotando a força de um modelo de família construído há alguns séculos atrás. (SZYMANSKI, 2000, p. 17)

No Brasil, uma das coisas que contribuiu para a proteção das famílias não convencionais foi a Constituição Federativa do Brasil de 1988 que

[...] estabeleceu princípios fundamentais em relação a esse instituto e reconheceu como entidade familiar a união estável e a família monoparental, contrariando o Código Civil de 1916 que previa como *status familiae* exclusivamente aqueles agrupamentos oriundos do instituto do matrimônio. (OLIVEIRA JÚNIOR; LIBÓRIO; MAIO, 2015, p. 272).

Percebe-se que as famílias passaram a se estruturar de diferentes formas a partir das transformações na sociedade, pois, as modificações socioeconômicas e culturais afetam diretamente os vínculos familiares. Sob essa perspectiva, podemos colocar a escola também como contribuinte da reprodução cultural e social. Dessa forma, essa instituição acaba propagando um determinado conceito e uma forma de organização de família, que nem sempre é a mais predominante no contexto escolar.

Oliveira Júnior, Libório e Maio (2015) destacam que nos últimos anos, políticas públicas educacionais vem ganhando espaço, visando maior participação e cooperação da família dentro da escola. Por meio de projetos e programas, as instituições escolares buscam inserir as famílias no contexto escolar de forma ativa e participativa. No entanto, na maioria das vezes, a própria escola acaba estereotipando o tipo de família que quer participando das atividades escolares, o que faz com que aquelas que se configuram em modelos não convencionais não se sintam à vontade e incluídas nesse contexto.

Além do mais, a criança, oriunda dessas famílias, também é afetada quando percebe que sua família não faz parte daquilo que a escola defende, o que pode influenciar diretamente no processo de ensino e aprendizagem do aluno que está ali para ser desenvolvido em suas máximas potencialidades. Oliveira Júnior e Yaegashi (2019) ressaltam que a família e a escola têm a missão compartilhada de formar um ser social e apesar de ocuparem lugares e funções diferentes na sociedade, elas estão intimamente ligadas quando se trata da educação das crianças.

Os autores Oliveira Júnior e Yaegashi (2019) vão trazer o conceito de resiliência familiar como algo importantíssimo para as famílias não convencionais, uma vez que elas são expostas a pré-conceitos ainda difíceis de serem compreendidos pela sociedade em geral, dessa forma, por meio da resiliência familiar, as famílias não convencionais respondem efetivamente às demandas adversas da vida no dia a dia.

Oliveira Júnior (2019) define resiliência familiar como

[...] um fenômeno permeado por resultados positivos diante de uma série de processos negativos à adaptação ou ao desenvolvimento da pessoa ou do grupo familiar, o que resulta em uma adaptação humana por intermédio da operação de sistemas básicos, cujo contexto escolar é essencial na constituição de aspectos promotores da resiliência em famílias organizadas em modelos não convencionais. (p. 86)

Diante dessa afirmação, depreendemos que a escola pode contribuir no desenvolvimento dessa resiliência familiar, visto que ela é a responsável por trabalhar não só aspectos acadêmicos, mas também individuais, que fazem parte do ser humano. De acordo com Oliveira Júnior (2019), as escolas que promovem a resiliência

[...] trazem em todos seus estratos as ferramentas necessárias para que o alunado consiga enfrentar, superar, fortalecer e, inclusive, adaptar-se a partir de acontecimentos diversos, melhorando e desenvolvendo ao máximo suas capacidades acadêmicas, físicas e sociais. (p. 88)

A partir da promoção de processos de resiliência é que surge a boa integração entre as famílias e a escola, possibilitando maiores evoluções nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos. A própria escola pode buscar estratégias para integrar e inserir as famílias não convencionais na educação escolar.

Pensa-se nesse sentido, por exemplo, em como comemorar dias festivos como dia dos pais ou dia das mães quando se pode ter muitos alunos que não possuem algum desses membros em sua constituição familiar. Elaborar e avaliar todas as hipóteses e alternativas a fim de incluir todas as famílias nas festividades escolares é de se pensar, visto que muitas podem se sentir excluídas nesses momentos que para alguns são comemorativos, já para outros não.

Considerando todos os aspectos que fazem parte da relação família-escola, Oliveira Júnior (2019) ainda dá destaque à família como fonte de solução dos problemas e fracassos educacionais, uma vez que ela tem papel importante no processo de gestão democrática da escola, principalmente enfrentando esses problemas. No entanto, Oliveira Júnior, Libório e Maio (2015) explicam que no cotidiano escolar, percebe-se como é desconsiderado qualquer forma de relação afetiva não convencional. As famílias não convencionais são muitas vezes caracterizadas como desorganizadas, desviantes e instáveis.

Diante disso, a culpa do fracasso escolar ou dos problemas de aprendizagem acaba caindo sob responsabilidade das famílias, como se elas fossem as responsáveis pelos alunos não aprenderem. O que na verdade é papel da escola,

uma vez que é ela quem tem que buscar estratégias e alternativas para aquela criança que possui dificuldades.

Oliveira Júnior, Libório e Maio (2015) ressaltam que

É imprescindível que a escola olhe para essas famílias com flexibilidade e bom senso, na tentativa de estabelecer uma ética educacional em que os sujeitos envolvidos em seu processo, possam expressar suas singularidades afetivas, culturais e sociais. (OLIVEIRA JÚNIOR; LIBÓRIO; MAIO, 2015, p. 276).

A escola precisa ter um olhar plural sob as famílias, pois, independente da organização familiar, essa família é composta por fraquezas, forças, problemas, etc. Além disso, considerar a diversidade dos arranjos familiares e as relações de gênero que estruturam as famílias no contexto escolar é fundamental para que todos entendam as diferentes relações de afeto que sustentam todos os tipos de família.

Compreende-se que a escola como instituição, se sente ameaçada diante de famílias não convencionais, uma vez que isso faz com que ela tenha de romper com alguns padrões existentes em nossa sociedade. Szymanski (2000) destaca que existe uma “família pensada”, e é essa que toda escola espera acolher quando tem contato com seus alunos.

A família está integrada em um arranjo social e cultural que atende aos interesses de uma dada sociedade. Qualquer mudança nessa instituição de base – que tem a missão de ser a primeira agência socializadora a transmitir a cultura para os membros jovens – acaba por atingir as demais instituições, que se vêem diante da ameaça de mudança. (SZYMANSKI, 2000, p.17)

Dessa forma, destacamos ações que possam combater o preconceito enfrentado pelas famílias não convencionais no contexto escolar bem como a melhora da integração dessas famílias com a escola. Como por exemplo, citado por Oliveira Júnior, Libório e Maio (2015), a revisão dos currículos educacionais em relação ao modo que colocam a família e que tipo de família abordam no cotidiano escolar, a revisão de estratégias de integração da família dentro da escola, pensar em outras festividades, sem ser dia dos pais ou dia das mães, estabelecimento de condutas em programas de formação inicial e continuada de professores e gestores, entre outras medidas que podem ser articuladas e estudadas.

A família tem papel fundamental na constituição dos alunos, segundo Oliveira Júnior e Yaegashi (2019), a família é a base estrutural de qualquer indivíduo, prevalecendo no centro da união e respeito às diferenças entre seus entes, bem como o carinho, a cumplicidade e a harmonia. A busca de estratégias educacionais que favoreçam a integração e promoção do respeito às famílias não convencionais é essencial para a preservação do respeito.

[...] às famílias organizadas em modelos não convencionais nos ritos escolares, de modo a incluir toda e qualquer forma de ser família – o que é altamente significativo – fortalece as conexões entre as pessoas presentes na vida cotidiana da escola e estabelece limites sólidos em relação ao respeito e à prevenção da violência interpessoal. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019, p. 90)

Dessa forma, defendemos a liberdade e o direito das famílias organizadas em modelos não convencionais conviverem em ambientes escolares, exigindo respeito de toda a comunidade escolar, seja ela interna ou externa. É função da escola incluir toda e qualquer constituição familiar, uma vez que isso contribui inevitavelmente no processo de ensino e aprendizagem daquela criança que faz parte dessa família, sua única base de conhecimento até chegar na escola.

Diante disso, baseamos nosso estudo no objetivo principal de compreender como as famílias estão sendo retratadas nos estudos científicos em suas relações com o contexto escolar. Além disso, analisamos quais configurações familiares são representadas nas escolas de acordo com os estudos científicos encontrados, apresentamos os possíveis arranjos familiares que poderiam ser incluídos no contexto escolar em decorrência dos resultados encontrados nos estudos científicos e propomos possíveis soluções para que todos os tipos de famílias sejam incluídos no contexto escolar.

A pesquisa então buscou compreender de que forma a escola tem agido em relação às famílias que fogem do padrão considerado tradicional pela sociedade em geral, trazendo como problema de pesquisa a seguinte questão: como as escolas representam as famílias em seus ritos escolares? A partir dessa indagação, faremos uma revisão integrativa, na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBT.

PERCURSO METODOLÓGICO

A linha teórica que esse trabalho segue é baseada na teoria marxista criada pelos pensadores Karl Marx e Friedrich Engels que tem como método o materialismo histórico-dialético. Os pensadores dessa teoria estudaram e analisaram as formações econômicas e as relações sociais nas sociedades pré-capitalistas, o surgimento e o desenvolvimento do capitalismo, a exploração do proletariado e a necessidade de organização política da classe operária, bem como estratégias revolucionárias.

O materialismo histórico-dialético busca a análise da realidade social por meio de uma ideia/proposta inicial, denominada de tese e uma contraproposta, denominada de antítese, a fim de chegar a uma resposta denominada de síntese. Ludwing (2014) traz uma definição simplificada do que seria esse método de pesquisa

A atividade sincrética consiste em começar o trabalho de pesquisa através de uma representação inicial e abstrata do objeto de estudo. Essa representação é relativamente caótica e confusa, apesar da existência de teorias já produzidas sobre ele. A atividade analítica diz respeito ao ato de separar, decompor o objeto em suas partes e verificar as relações entre eles. A atividade sintética consiste em recompor as partes identificadas no processo analítico com vistas a obter certa ordem, porquanto sua desconexão tende a acarretar embaraços. A operação de síntese é capaz de produzir um conhecimento concreto desse objeto, ou seja, um conhecimento que se caracteriza por mostrar tal objeto como algo resultante de múltiplas determinações (p. 222-223).

Nesse sentido, essa metodologia parte da realidade de fato, investigando e buscando elementos para compreender o objeto de estudo, fazendo um levantamento amplo de todos esses elementos. Depois parte para a análise e exposição do objeto, a fim de compreendê-lo em sua totalidade.

A partir dessa ideia, Friedrich Engels escreveu uma obra denominada *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* no ano de 1884 na qual o autor desnaturaliza a família patriarcal e monogâmica, mostrando sua origem histórica. Marcassa (2015) explica que Engels em matéria de Teoria da História busca “caracterizar os sistemas de parentesco e formas de matrimônio que levaram à formação da família, descrevendo as suas fases, bem como os modelos criados ao longo do processo de desenvolvimento humano.” (MARCASSA, 2015, p. 86)

Diante disso, a obra de Engels contribui na pesquisa na compreensão da origem da família e como se deu a constituição familiar que temos atualmente e que é tão criticada pela sociedade em geral.

Marcassa (2015) ainda destaca que

A expressão “família” foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sob todos eles. O primeiro efeito do poder exclusivo dos homens no interior da família, já entre os povos civilizados, é o patriarcado, uma forma de família que assinala a passagem do matrimônio sindiásmico à monogamia. (MARCASSA, 2015, p. 86)

Baseando-se na teoria marxista, no método dialético e nos conceitos trazidos por Engels (1884), utilizou-se técnicas de pesquisas exploratórias, descritivas e explicativas. Nesse sentido, por meio de uma revisão bibliográfica de autores que seguem a mesma linha teórica que esse trabalho, como Oliveira Júnior (2015, 2019); Maio (2015); Szymanski (2000) entre outros, buscamos compreender historicamente a constituição das famílias e como é a relação das mesmas com o contexto escolar.

Além disso, como forma de coleta documental, foi realizada uma revisão integrativa, que consiste em fazer uma síntese de resultados encontrados a partir da pesquisa. De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa “trata-se de um estudo com coleta de dados realizada a partir de fontes secundárias, por meio de levantamento bibliográfico [...]” (p. 103).

Sob essa perspectiva, segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), para ocorrer a revisão integrativa é necessário passar por seis fases, essas que consistem em:

1ª Fase: elaboração da pergunta norteadora;

2ª Fase: busca ou amostragem na literatura;

3ª Fase: coleta de dados;

4ª Fase: análise crítica dos estudos incluídos;

5ª Fase: discussão dos resultados;

6ª Fase: apresentação da revisão integrativa. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p. 104-105).

Diante disso, para iniciar a pesquisa pensou-se na pergunta norteadora: como as escolas representam as famílias em seus ritos escolares? Em seguida, para busca de dados, utilizamos os descritores: ‘escola e família’, ‘relação família e

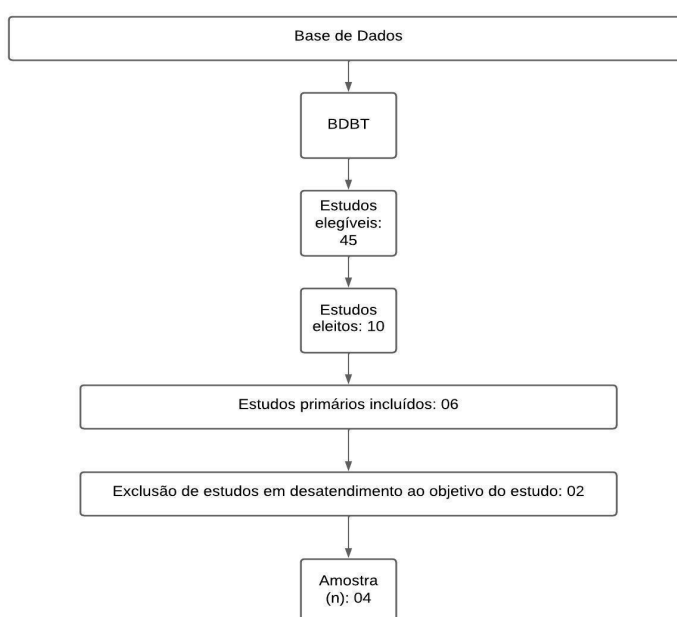
escola’, ‘comemorações família e escola’ e inserimos na busca de forma combinada no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBT.

Para selecionar os estudos científicos, estabelecemos critérios específicos, tais como: (1) publicados no período de 2016 a 2021; (2) redigidos em português e no contexto brasileiro; (3) com temática que apresentasse coerência com o objetivo da revisão. Delimitou-se então somente pesquisas que envolvessem a temática relação família-escola, excluindo primeiramente já pelos títulos as pesquisas que não apresentassem essa temática. Após essa etapa, fizemos a leitura dos resumos, o que fez com que já excluísse uma parte dos estudos encontrados, centralizando a escolha no objetivo da revisão integrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mostra a Figura 1, foram encontrados um total de 45 estudos na base de dados BDBT a partir dos descritores combinados. Após a primeira análise por meio da leitura dos títulos, foram eleitas 10 pesquisas. Com a leitura dos resumos e análise por meio do objetivo principal da pesquisa é que chegamos nos 6 textos selecionados.

Figura 01: Fluxo da seleção dos estudos primários incluídos na revisão integrativa de acordo com a base de dados BDBT, 2023.



Fonte: dados da pesquisa (2023)

No entanto, com o início da leitura aprofundada das pesquisas, chegamos a excluir 2 textos que não atendiam ao objetivo do estudo. Dessa forma, foram analisados 4 trabalhos científicos publicados entre os anos de 2016 a 2021, sendo 1 dissertação de mestrado e 3 teses de doutorado. Todas as pesquisas abordam a temática desse trabalho que envolve a relação família-escola.

Com intuito de facilitar a organização dos dados, dividiu-se o material em eixos de análise, sendo eles: caracterização do estudo, tipologia, participantes, objetivo, método e principais resultados encontrados. A partir disso, realizou-se a distribuição a fim de mostrar a discussão realizada a respeito do tema.

Quadro comparativo 01: Categorização dos trabalhos encontrados em relação a títulos, autoria, ano, tipo e local de publicação (n=4).

Nº	Título do artigo	Autores	Ano	Tipo/Local de publicação
1	“Acho que vocês vão se surpreender!” As relações escola-família na construção das identidades de gênero na educação infantil	SILVA, Francisca Jocineide da Costa	2019	Tese de Doutorado em Educação/ UFPB
2	A dimensão subjetiva da relação escola-família: um estudo das significações produzidas por docentes sobre a função social da família	GOMES, Fábio Alves.	2021	Tese de Doutorado em Psicologia da Educação/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
3	A relação escola-famílias como dynamis de uma prática social e pedagógica na educação básica: a omnilateralidade e a emancipação humana como premissa filosófica de direitos humanos	PRAZERES, Guilherme de Almeida.	2021	Dissertação de Mestrado/ Universidade Estadual de Campinas - SP
4	Diversidade Sexual, Escola e Família: Contribuições para as práticas de ensino	CICCO, Roberta Ribeiro de.	2017	Tese de Doutorado/Instituto Oswaldo Cruz - RJ

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Como podemos observar no Quadro 01, três estudos colocam em seus títulos a relação família-escola (SILVA, 2019; GOMES, 2021; PRAZERES, 2021), sendo

somente um que coloca escola e família separadamente (CICCO, 2017). Além disso, todos vão trabalhar essa temática buscando compreender como acontece de fato dentro da escola, utilizando diferentes perspectivas envolvendo diversidade sexual, emancipação humana, identidade de gênero e a função social da escola.

Apesar das diferentes perspectivas trabalhadas nas pesquisas, percebeu-se como o eixo central é a relação da família com a escola e como isso afeta nas perspectivas destacadas em cada título presente no Quadro 01. Outrossim, destaca-se como a relação família-escola pode ser analisada de diferentes formas e de que maneira isso interfere no ambiente de ensino.

Todos os textos vão buscar compreender a visão da escola e a visão da família diante dessa relação que ocorre entre ambas diariamente. Para isso, Silva (2019), Gomes (2021) e Cicco (2017) vão trabalhar uma análise qualitativa e participante por meio de entrevistas realizadas com docentes e atores das instituições que fizeram parte de suas pesquisas (Ver Quadro 02). Somente Prazeres (2021) é que vai realizar entrevistas com as famílias, analisando questionários respondidos pelas mesmas do município em que a pesquisa se concretizou.

Silva (2019) vai fazer uma análise participando do dia a dia na escola, por meio de reuniões da equipe gestora e de datas comemorativas que envolvem as famílias, como dia dos pais e dia das mães. No decorrer de toda sua pesquisa, ela cita as famílias como parte essencial do processo de ensino das crianças e traz que a própria gestão da escola destaca isso como imprescindível.

Compreendo famílias neste trabalho como uma instituição diversa, plural, que se forma por meio da reprodução biológica e/ou laços afetivos, e contribui para a formação pessoal e social dos sujeitos nelas presentes. No que concerne à relação com a escola entendo que ela é importante para garantir o acesso e a permanência das crianças e jovens na instituição. (SILVA, 2019, p. 52)

Gomes (2021), Prazeres (2021) e Cicco (2017) trabalham a família inicialmente por meio de uma perspectiva histórica, abordando que a família considerada ideal pela sociedade sempre foi a tradicional/patriarcal, devido a todos os acontecimentos históricos que a sociedade brasileira passou.

Quadro 02: Categorização dos trabalhos encontrados em relação a objetivos, participantes e metodologia (n=4).

Nº	Objetivos	Participantes	Metodologia
1	Analisar as relações escola-família no processo de construção das identidades de gênero das crianças.	Docentes, monitoras, supervisora pedagógica, diretora e familiares do local de pesquisa, sendo este um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) em João Pessoa/PB	Empírica, qualitativa e participante, ancorada nos Estudos Culturais da Educação e nos Estudos de Gênero, tendo entrevistas realizadas com o corpo docente e gestão, gravadas em áudio; questionário e oficina com as famílias; e observação da rotina do CREI e da participação das famílias nos eventos da instituição.
2	Explicitar e analisar a dimensão subjetiva da relação escola-família, investigando as significações constituídas pelos docentes acerca da função social da família.	Grupo de dezessete docentes do gênero feminino e masculino.	Pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico dialético e da psicologia sócio-histórica por meio do procedimento de Núcleo de Significação.
3	Buscar compreender como se dão as relações entre escola e família na contemporaneidade e quais são seus reflexos no campo da Educação, alicerçado nos Direitos Humanos.	Famílias de crianças matriculadas nos dois sistemas municipais de educação básica, efetivados no transcorrer do ano de 2019.	Abordagem crítico-dialética por meio de um levantamento bibliográfico e questionários realizados por dois municípios do Estado de São Paulo sobre escola-famílias.
4	Compreender através de uma pesquisa qualitativa como o tema da diversidade sexual se apresenta no contexto da escola considerando a ótica de seus atores neste contexto institucional a partir de situações vividas no cotidiano.	Atores da direção, coordenação, professores e funcionários da escola pública municipal da Zona Norte do Rio de Janeiro.	Análise qualitativa que buscou o levantamento documental de pesquisas entre os anos de 2013 a 2016 a partir dos descritores: diversidade sexual; ensino; políticas públicas; escola; família; relação escola-família, tendo como grupo de estudo um escola pública municipal da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde foi realizado oito entrevistas semi-estruturadas com os atores institucionais.

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Os resultados das pesquisas vão mostrar que a escola é influenciada pelas questões histórico-sociais que envolvem as famílias, acabando por utilizar no dia a dia de suas ações discursos patriarcais quando se referem às famílias dos alunos (Ver Quadro 03). O próprio discurso dos atores institucionais entrevistados nas pesquisas mostra que uma família desestruturada é a que foge do modelo tradicional/patriarcal, determinado pela sociedade como uma “Família normal e estruturada” (GOMES, 2021).

É delineado nas pesquisas em geral, como a escola, sem perceber, possui ações e falas que excluem as famílias não convencionais citadas inicialmente neste trabalho, utilizando os termos “pai” e “mãe” como se fosse os únicos tipos de parentescos que podem constituir uma família. Como propriamente destacado por Silva (2019) “a maioria das crianças mora com pai, mãe e irmãos/ãs; as demais moram com avós/os, tios/as, primos, irmãos/ãs e mães; uma mora apenas com a mãe; e uma com pai e mãe. (SILVA, 2019, p.102).

Diante disso, mesmo a escola tendo consciência que algumas crianças não têm a presença do pai ou da mãe na sua configuração familiar, insiste em datas comemorativas, por exemplo. Silva (2019) aponta que

Alguns dos problemas das festas separadas são os pais e mães que não podem comparecer causando frustração nos/as filhos/as, ou não considerar a existência de famílias monoparentais e homoafetivas. Mesmo assim as crianças são forçadas a fazerem apresentações para sujeitos com quem não têm relação, ou sobre experiências que não são uma realidade em suas vidas. Isso aponta como as decisões dos adultos orientam as ações e aprendizagens das crianças, não levando em consideração os desejos, escolhas e características das próprias crianças, excluindo-as de serem sujeitos ativos nesse processo. (SILVA, 2019, p.82)

Quadro 03: Categorização dos trabalhos encontrados em relação aos resultados obtidos (n=4)

Nº	Resultados
1	Apontaram que as construções das identidades de gênero das crianças ocorrem por meio de uma pedagogia organizacional e visual, evidenciada nas decorações e comemorações do CREI, que reproduz as diferenças culturalmente atribuídas aos gêneros masculino e feminino. Além disso, as concepções de gênero de docentes, monitoras e supervisora ainda são marcadas pelo binarismo e dicotomia.

2	Conclui-se que é preciso problematizar o tema família, considerando a subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo educacional, também, pelo fato da família ter se constituído como campo de disputa político-ideológica.
3	Todas as transformações históricas e sociais permitiram que na contemporaneidade tenha novos sujeitos como protagonistas sociais, novas relações entre escolas e famílias e entre famílias e escolas, sendo a Educação em Direitos Humanos um triunfo na Pedagogia do Direito à Educação. Dessa forma, a pesquisa destacou que ainda existe uma relação tradicional e unilateral controlada pela escola com as famílias, sendo necessário um rompimento com os estigmas sociais e históricos.
4	As famílias são sim parceiras em potencial para dialogar e fortalecer as discussões de temas e valores importantes para a formação dos nossos jovens. Cabe, no entanto, reconhecer que a participação das famílias pode ser realizada a partir de diferentes ações desenvolvidas no espaço escolar e que existe uma diversidade entre estes dois ambientes (Escola e Família) que claramente influenciam nas relações entre as duas instituições.

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Outro ponto importante trazido nas pesquisas de Prazeres (2021) e Cicco (2017) é a definição de família como algo que está muito mais relacionado a valores e afetividade do que a sua própria configuração. Os autores destacam que

A família possível não se concretiza com uma organização estrutural e hierárquica pré-determinada. Sua compreensão e existência é sempre histórica, pois é condicionada a garantia de determinados processos visando a hominização e humanização plena e integral de seus sujeitos por meio de apoio emocional, material, intelectual, afetivo, psicológico e social, recíprocos, e com uma finalidade de emancipação dos sujeitos que pertencem a este coletivo. (PRAZERES, 2021, p. 34)

Identificar os membros e as redes familiares (laços consanguíneos, parentes por casamento, padrinhos e compadres e amigos) é papel difícil. Desta forma, percebemos que muitas são as dinâmicas e relações familiares que podem ser estabelecidas em contraponto a ideia de um único modelo ou unidade familiar. Por isso, Fonseca (2005) aponta que o laço familiar é a relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre pessoas oriundas de laços biológicos ou territoriais, alianças conscientes como o casamento, adoção ou quaisquer atividades comuns que formem elos. Isso reflete, portanto, as inúmeras formações familiares existentes na sociedade atual. (FONSECA, 2005, apud CICCO, 2017, p. 61)

Sob essa perspectiva, apesar dos estudos trazerem que historicamente, construiu-se diferentes configurações familiares, o que neste trabalho denominamos de famílias organizadas em modelos não convencionais, a escola insiste em

trabalhar com uma família “normal e estruturada” (GOMES, 2021), sendo essa caracterizada por pai, mãe e filhos. No discurso dos professores entrevistados por Gomes (2021), é presente essa visão, a qual insiste em destacar que a degradação das famílias tradicionais acarretam na desordem dos alunos dentro da escola.

Afirma-se que naturalizam, pois a “família normal e estruturada” é compreendida pelos (as) docentes como a família natural, como norma e estrutura mais adequada para o desenvolvimento funcional do discente. Portanto, a “família normal e estruturada”, recorrentemente não identificada como a família dos discentes, corresponde a um modelo ideal e não hegemônico. Logo, a normalidade desejada pelos (as) docentes patologiza a família concreta como algo não natural e sem estrutura. (GOMES, 2021, p. 79)

Dessa forma, percebemos como a escola culpabiliza as famílias não convencionais pelas atitudes que as crianças têm dentro do ambiente escolar, uma vez que, segundo os docentes, se as crianças diariamente tivessem a presença de uma família “normal e estruturada”, não teriam problemas de desordem.

Cicco (2017) em seu estudo relata que na escola em que realizou sua pesquisa existe a presença diversificada de arranjos familiares. A realidade indica que a maioria dos estudantes não se encaixam no arranjo familiar de “pai, mãe e filhos biológicos”, porém, quando se fala sobre família, a primeira resposta que se tem dos próprios alunos é esse tipo de arranjo familiar, mesmo não sendo esse o do próprio.

No conjunto das famílias dos estudantes, encontramos, segundo os entrevistados “todos” os tipos de composições familiares, com as mais diversas combinações. Temos a “família nuclear biológica” – de pai e mãe biológicos, até composições em que se tem somente um dos pais biológicos ou um responsável legal, incluindo avós, tios e até vizinhos. (CICCO, 2017, p. 94)

A escola, diante de situações de diferentes configurações familiares, precisa então buscar ações que integrem essas famílias, buscando a participação das mesmas no ambiente escolar. Acreditamos não ser por meio de datas comemorativas que todas as famílias vão ser incluídas, mas por outras ações que envolvam a gestão e a docência da escola, trabalhando com projetos e principalmente com diálogo entre agentes educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o problema inicial desta pesquisa que buscava identificar como as escolas representam as famílias em seus ritos escolares, acreditamos que essa instituição social insiste em representar e considerar as famílias somente no modelo tradicional/patriarcal, desconsiderando outros arranjos existentes. Apesar dos estudos científicos identificarem que existem diferentes configurações familiares dadas como não convencionais, o cotidiano vivido por docentes, equipe gestora e alunos mostra como as ações do dia a dia pensam somente em um tipo de família.

A partir da revisão integrativa realizada nos estudos de Cicco (2017), Gomes (2021), Prazeres (2021) e Silva (2019), percebemos a importância de identificar qual a visão da comunidade externa da escola, nesse caso a família, e qual a visão da comunidade interna, sendo esse grupo composto por docentes e gestores, uma vez que é somente por essa relação que se compreende o que acontece no ambiente escolar. Por meio das leituras, foi possível delinear como o preconceito ainda está enraizado na escola, assim como vemos na sociedade em geral, fato que nos leva a concluir como essa instituição é o reflexo da sociedade e como sua função social, assim como destacada por Prazeres (2021), é importante para formar pessoas críticas, com visões além daquelas já presente no senso comum.

A pesquisa mostrou como necessária a urgência da inclusão da multiplicidade familiar por meio de ações pedagógicas que vão além de datas comemorativas. Cicco (2017) destaca como as diferentes configurações estão presentes no ambiente escolar e como o diálogo é um recurso imprescindível para resolver questões conflituosas que envolvam a exclusão e as diferenças.

Sendo assim, as famílias precisam se sentir acolhidas pela escola para poderem participar da vida escolar da criança ou do jovem envolto no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, a relação entre a família e a escola é importante no sentido de construir momentos significativos para ambos que contribuam na evolução do sujeito em desenvolvimento.

Diante disso, destacamos como a pesquisa contribuiu no debate acadêmico enquanto compreensão da relação família-escola, podendo ser expandida futuramente em relação a essa temática não muito falada, uma vez que as famílias não convencionais infelizmente ainda são invisibilizadas no ambiente escolar e nas

discussões científicas, o que faz com que a demanda acerca desse debate seja ampliado. A cada dia que passa sabemos que existem evoluções em nossa sociedade que modificam historicamente o ser humano e suas instituições sociais, sendo necessária essa mudança também nos estudos científicos, o que exige um cuidado e olhar maior para as diferenças, principalmente quando estamos no ambiente escolar, lugar de ensino e aprendizagem, senso crítico e autenticidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CICCO, R.R. **Diversidade sexual, escola e família:** contribuições para as práticas de ensino. 2017. p. 1-154. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1984.

GOMES, F. A. **A dimensão subjetiva da relação escola-família:** um estudo das significações produzidas por docentes sobre a função social da família. 2021. p.1-149. Tese (Doutorado em Educação) - Psicologia em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

LUDWING, A. C. W. Métodos de pesquisa em educação. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.2, p. 204-233, jul./dez. 2014.

MARCASSA, L. A origem da família, propriedade privada e do estado – Friedrich Engels –. **Revista de Educação**, v. 9. n. 9, p. 85-90, 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B.; LIBÓRIO, R. M. C.; MAIO, E. R. Famílias não convencionais na escola: a (in)eficiência das estratégias de (des)integração. **Revista HISTEDBR On line**, Campinas, n. 63, p. 270-279, jun. 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B.; YAEGASHI, S. F. R. Formação docente e as representações de famílias organizadas em modelos não convencionais: os contos de fadas como proposta de intervenção. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 184-205, jan./mar. 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B. O contexto escolar na promoção de processos-chave de resiliências em famílias não convencionais. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 44, p. 74-95. 2019.

PRAZERES, G. A. **A relação escola-famílias como dynamis de uma prática social e pedagógica na educação básica:** a omnilateralidade e a emancipação

humana como premissa filosófica de direitos humanos. 2021. p. 1-116. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

SILVA, F. J. C. “**Acho que vocês vão se surpreender!**” As relações escola-família na construção das identidades de gênero na educação infantil. 2019. p. 1-163. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan./mar. 2010.

SZYMANSKI, H. A família como locus educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional. **R. bras. Est. pedag.** Brasília, v. 81, n. 197, p. 14-25, jan./abr. 2000.